

ANÁLISE DO PROCESSO DE GENTRIFICAÇÃO NA VILA DO AUTÓDROMO NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

**NATÁLIA TORALLES DOS SANTOS BRAGA¹; LUÍSA MANTELLI ANKLAM²;
LUCAS BRAUNSTEIN DA CUNHA³**

¹Universidade Federal de Pelotas – FAURB – nataliatsbraga@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – FAURB – luimantelli@gmail.com

³Graduado em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG – Acadêmico de Antropologia na Universidade Federal de Pelotas e aluno especial no Mestrado em Direito da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL - bc_lucas@live.com

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho refere-se ao processo de gentrificação na Vila do Autódromo, localizada na cidade do Rio de Janeiro, e o quanto o impacto causado pelos Jogos Olímpicos 2016, juntamente com a alta especulação imobiliária presente na região, afetou os moradores da região.

A gentrificação não se trata de um processo estático, mas de um fenômeno amplamente diversificado e, quando somado às características comuns, faz com que cada caso apresente suas particularidades de acordo com o contexto e histórico urbano em que está inserido. Por apresentar características de caráter tão amplo, é qualificado como “conceito caótico” (VAN WEESEP, 1994).

O objetivo principal deste estudo é compreender as dinâmicas ocorridas nos processos de gentrificação e de remoções como consequência de megaeventos com base no recorte espacial da Vila do Autódromo, na cidade do Rio de Janeiro, visto que a cidade foi sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Para melhor compreensão do tema, foram traçados três objetivos específicos, são eles: (a) analisar o histórico de remoções ocorridos na cidade do Rio de Janeiro; (b) investigar os impactos causados pelos megaeventos nas cidades; (c) estudar a situação da Vila do Autódromo frente à construção do Parque Olímpico e à especulação imobiliária da região.

2. METODOLOGIA

O trabalho foi realizado com base na revisão narrativa da literatura que aborda a temática da gentrificação como consequência das obras realizadas nas cidades sede dos megaeventos esportivos, para comportarem esses grandes acontecimentos.

Os procedimentos utilizados na pesquisa em questão foram: 1) Visitação ao lugar estudado; 2) Levantamento bibliográfico; 3) Análise das notícias; 4) Análise dos dados levantados

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O Fenômeno da Gentrificação e as Remoções no Rio de Janeiro

Segundo Maria Alba Bataller (2000), a gentrificação mostra as consequências espaciais de transformações sociais. A cidade do Rio de Janeiro possui um longo histórico de remoções populares. A primeira reforma urbanística significativa associada às transformações em dinâmicas sociais foi promovida no início do século XX pelo então prefeito Pereira Passos. Inspirando-se em Paris, a reforma de caráter sanitaria extinguiu grande parte dos cortiços que ocupavam a área central da cidade, com alta especulação imobiliária. Esse processo fez com

que os moradores dessas áreas procurassem abrigo nas periferias e morros, resultando nas atuais favelas cariocas.

Um segundo processo expressivo de remoção na cidade carioca ocorreu na Zona Sul, durante o período inicial da ditadura militar, sob o governo de Carlos Lacerda. O interesse imobiliário na região resultou na construção de conjuntos habitacionais em parceria com o recém-criado BNH (Banco Nacional de Habitação).

3.2 O Impacto dos Megaeventos nas Cidades

Os megaeventos esportivos são retratados como parte do cenário de “sucesso” econômico pelos países em ascensão na economia mundial classificando o país como um bom lugar para serem feitos investimentos (JENNINGS, 2014).

As cidades que sediam eventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, passam a receber grande incentivo financeiro em áreas urbanas específicas. Porém a distribuição desses investimentos é feita de maneira injusta dentre a população que já ocupava a região, mudando características do espaço.

Um exemplo é a proliferação de empreendimentos imobiliários de alto padrão nas proximidades das obras emergenciais dos eventos, que provoca o processo de expulsão da população mais pobre, não só pela remoção dos assentamentos, mas também pela expulsão decorrente da forte valorização imobiliária consequente (ROLNIK, 2014).

O caso de Barcelona e os Jogos Olímpicos de 1992, por exemplo, contou com o Projeto Cidade Velha (1989). O projeto promoveu transformação urbana sobre o chamado eixo cultural e impulsionou diversas instituições e organismos culturais. Por outro lado, teve como consequência o despejo de 200 famílias para construção de estradas e o aumento de 131% nos preços de imóveis em torno dos Jogos (Jornal Estadão, 2010), resultando no processo de gentrificação no bairro de Raval.

3.3 A Situação da Vila do Autódromo

Uma comunidade de pescadores nos anos 1960 originou a Vila do Autódromo, consolidando-se na Baixada de Jacarepaguá, zona oeste do Rio de Janeiro. Na década de 1970, caracterizou-se como área residencial para centenas de operários e trabalhadores da construção do autódromo de Jacarepaguá e de novos empreendimentos imobiliários que surgiam na região. No ano de 1989, um grande número de famílias da Comunidade Cardoso Fontes, que sofreu processo de remoção, se estabeleceu na região da Vila do Autódromo.

Todos esses fatores históricos formaram a comunidade que consolidou a vila. Os moradores construíram suas casas e todo o espaço urbano. Atendendo demandas como ruas, calçadas, rede de distribuição de água, sistema sanitário, creches, escolas e espaços de convivência.

A partir dos anos 1990, a zona oeste da capital carioca passou a ser alvo do setor imobiliário. A Associação de Moradores, Pescadores e Amigos da Vila Autódromo (AMPAVA) se mostrou resistente e conquistou o título de Concessão de Direito Real de Uso do Governo do Estado, o qual determinou o uso da área por 99 anos e o direito à moradia no local. No ano de 2005, foi aprovada pela Câmara de Vereadores, a lei complementar 74/2005. Essa lei consolidou a comunidade como Área Especial de Interesse Social.

Na Constituição de 1988, o direito à moradia está previsto como um direito social, sendo dever do Estado a execução de políticas públicas das habitações, com medidas de promoção e de proteção desse direito. Segundo Harvey (2016), o capitalismo busca como solução para uma crise financeira a transformação das cidades em atrativos financeiros, fazendo com que a cidade não sirva às pessoas, mas aos negócios.

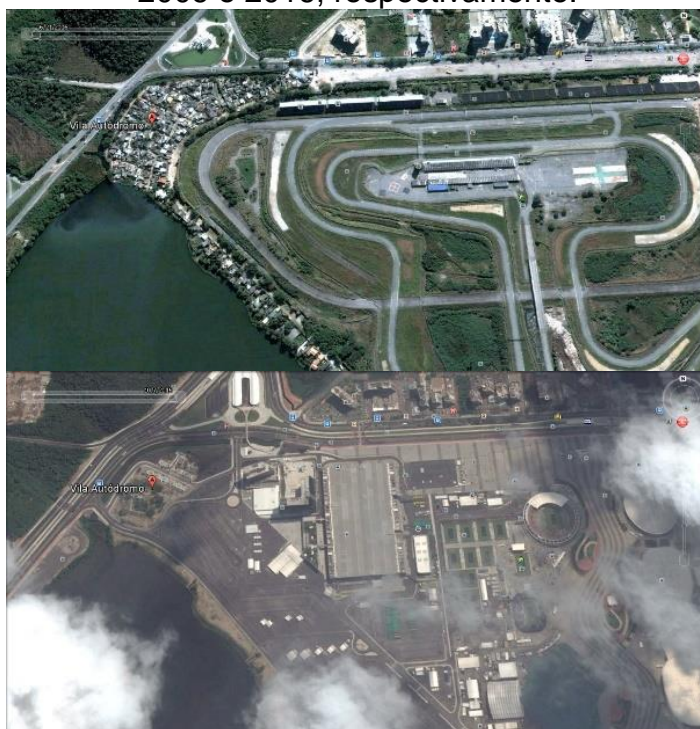
Dentro desse contexto, o “Plano Popular da Vila Autódromo” foi elaborado pela AMPVA juntamente com o Núcleo Experimental de Planejamento Conflitual (ETERN/IPPUR/UFRJ). O Plano aponta propostas de urbanização para a região, abrangendo projetos nas habitações, na educação, no saneamento e no transporte, descartando a opção relacionada à remoção da comunidade da região.

Tratando-se de uma região geograficamente favorável, plana e com ruas largas, justifica o fato de não haver registros de tráfico nem de milícia, justamente por ser uma região de fácil acesso. Entretanto, o então prefeito Eduardo Paes (cargo exercido entre os anos de 2009 e 2016) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) argumentaram que a área deveria ser desocupada pois invadia o perímetro de segurança dos Jogos

Azevedo e Faulhaber (2016) afirmam que a construção do Parque Olímpico e a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro foram planejados com o objetivo de efetuar a retirada de favelas por meio de trajetos intencionalmente traçados.

Foi exatamente isso que ocorreu no ano de 2015 nessa região (Figura 1). As famílias foram deslocadas para o Parque Carioca ou para residências do Minha Casa Minha Vida. Os moradores mais resistentes vivenciaram um cenário de demolições e entulhos (Figura 2). A privilegiada localização geográfica e a alta especulação imobiliária na região impossibilitou a permanência dos moradores no local.

Figura 1 – Comparativo entre a situação da Vila do Autódromo nos anos de 2006 e 2016, respectivamente.



Fonte: ferramenta Google Earth, 2016.

Figura 2—Contraste: remoções e construção do Parque Olímpico.



Fonte: acervo das autoras, 2015.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa buscou esclarecer as dinâmicas ocorridas nos processos de gentrificação e das remoções como consequência de megaeventos, através do recorte espacial da Vila do Autódromo, na cidade do Rio de Janeiro.

A resistência exercida pelos moradores da Vila do Autódromo destacou a necessidade de participação popular nos processos de reurbanização e fez com o fenômeno de gentrificação ocorrido no local tivesse maior visibilidade, expondo a influência do mercado imobiliário na região e a predominância do interesse no capital no direito à moradia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, L.; FAULHABER, L. **SMH 2016: Remoções no Rio de Janeiro Olímpico**. Mórula Editorial, 2016.

BATALLER, M. A. O estudo da Gentrificação. **Revista Continentes**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. p.9-37.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2014.

ROLNIK, R. Megaeventos: direito à moradia em cidades a venda. JENNINGS, A. **Brasil em Jogo: O que fica da Copa e das Olimpíadas?** São Paulo: Ed. Boitempo, 2014. p.65-70.

Olimpíada e Copa trazem prejuízo social. Jornal Estadão, São Paulo 5 mar. 2010. Acessado em jun. 2017. Online. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,olimpiada-e-copa-trazem-prejuizo-social,519833>

Plano Popular da Vila do Autódromo, Rio de Janeiro, 2012. Acessado em 06 jun. 2017. Online. Disponível em: http://www.academia.edu/5759022/PLANO_POPULAR_DE_VILA_AUT%C3%93DROMO

VAN WEESEP, J. Gentrification as a research frontier. **Progress in Human Geography**, Holanda, v.18, n.1, p.74-83, 1994